

## VARIABILIDADE CLIMÁTICA E SAÚDE NO EXTREMO OESTE PAULISTA

Ademilson Damasceno e João Lima Sant'Anna Neto (FCT/UNESP)

O presente trabalho, que conta com apoio financeiro da FAPESP, visa estudar os elementos climáticos e suas influências sobre a ocorrência de algumas enfermidades. Para tanto, escolheu-se como área de estudo os municípios da UNIPONTAL, destacando o município de Presidente Prudente, conhecida por suas elevadas temperaturas e pluviosidade concentrada no período compreendido entre os meses de outubro a março. Os primeiros casos de malária registrados na área datam do início de sua ocupação, em meados dos anos de 1920, quando as frentes pioneiras avançavam pelo Oeste Paulista. O alto índice de ocorrências verificado nas áreas de expansão agrícola do estado de São Paulo entre 1920 e 1950 levou o Poder Público a promover ações no combate a malária, que chegou a ser erradicada da região no decorrer da década de 1970. A partir da década de 1980 ocorreram novas transformações na paisagem regional com a implantação de usinas hidrelétricas nos rios Paraná (UHE Porto Primavera) e Paranapanema (UHE Rosana e UHE Taquaruçú), provocando o aumento de áreas alagadas que, associada a um desmatamento desordenado, crescente urbanização e novos hábitos culturais da população (acúmulo de água em recipientes, por exemplo) pode ser considerado como possíveis causadores do significativo número de casos de dengue ocorridos na região e o reaparecimento de casos autóctones de malária nos anos de 1990. Para o presente trabalho, está sendo utilizado o segmento temporal 1990-2000 (período de maior incidência dos casos) para obtenção dos indicadores sociais e de ocorrência de dengue e malária, e a série histórica 1970-2002 para a compreensão das variações climáticas ocorridas na referida área de estudo. Os levantamentos apontam a hipótese do vetor da dengue ter se tornado endêmico na região, conforme sugerem os significativos aumentos nos níveis de infestação e ocorrências, principalmente nos períodos mais úmidos do ano, e o ressurgimento de casos de malária na região. O aumento de temperatura associado a uma crescente urbanização alterou profundamente o habitat natural dos agentes transmissores, e aqueles que melhor se adaptaram às novas condições ambientais apresentadas na área conseguiram se proliferar com maior facilidade, o que exige por parte do Poder Público novos instrumentos de controle da população dos vetores.